

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - IFCH
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E PLANEJAMENTO ECONÔMICO - DEPE
CENTRO TÉCNICO ECONÔMICO DE ASSESSORIA EMPRESARIAL - CTAE**

NOÇÕES BÁSICAS DE CAPITAL DE GIRO

Laércio Bisetto

INTRODUÇÃO

Qualquer tipo de empreendimento econômico exige uma aplicação de capital. O volume de capital empregado normalmente é decomposto em duas porções básicas: uma destinada à aplicação em ativos fixos e outra destinada ao giro.

Neste texto pretendemos apresentar as noções básicas a respeito do capital de giro, principalmente no que tange a sua composição, dimensionamento e financiamento.

Os exemplos utilizados são extremamente simplificados para facilitar o entendimento do processo de formação do capital de giro. A discussão de casos mais complexos, como os de empresas industriais, depende da clareza com que se tenha compreendido tal processo.

I - Capital Fixo e Capital de Giro

Tornemos como exemplo uma fábrica de moveis. Este tipo de investimento exige um determinado volume de capital para aquisição de terreno e construção dos prédios industriais e administrativos; para a compra de máquinas e equipamentos, de veículos para entrega, de instalações telefônicas, de escrivaninhas, armários, estantes, máquinas de escrever, etc. Todo o dinheiro aplicado nesses itens constitui o capital fixo. Visto sob outro ângulo, temos uma empresa praticamente montada, pronta para operar.

O capital até aqui investido é suficiente para a efetiva operação desse empreendimento? Ainda não!

É necessário um aporte adicional para comprar e estocar matérias primas; para pagar salários e demais despesas do ciclo de produção, cuja duração pode atingir algumas semanas; para financiar o estoque de produtos acabados; e, ainda, para financiamento das vendas, já que dificilmente se consegue vender esses produtos à vista. Este aporte adicional para os fins explicitados é que constitui o que chamamos de CAPITAL DE GIRO, ou ainda capital de trabalho ou capital circulante.

Ele se distingue do capital fixo fundamentalmente pelo prazo de sua conversão em dinheiro novamente. Enquanto o capital fixo necessita de um largo período de tempo - 5, 10, 20 anos - para sua reconversão em dinheiro, o capital de

giro se recompõe muito mais rapidamente, amiúde em alguns meses, ou, quando muito, um ano.

II - Definição de Capital de Giro

Uma vez caracterizado, podemos definir capital de giro como o montante de recursos necessários para o funcionamento da empresa.

Embora seja uma definição bastante simples, ela explicita claramente a destinação que se dá a essa porção do capital, em contraposição à outra porção, destinada à instalação da empresa.

Em resumo, portanto, temos:

Capital fixo - montante de recursos necessários à instalação da empresa;

Capital de giro - montante de recursos necessários ao funcionamento da empresa.

III - Dimensionamento do Capital de Giro: um Caso Simples

É relativamente fácil o cálculo do volume de recursos necessários para as aplicações em ativo fixo.

Já para o capital de giro os cálculos são mais complexos, uma vez que não dependem apenas dos valores absolutos correspondentes a determinadas aplicações, mas, em grande parte, do prazo correspondente ao financiamento que se concede e que se obtém.

Há várias maneiras de se dimensionar o capital de giro; algumas mais imediatas, como a simples dedução de componentes do balanço patrimonial, e outras mais detalhadas. Em todo caso, os valores encontrados serão sempre uma aproximação, menos ou mais confiável, da média de recursos necessários durante certo período de tempo.

Vamos iniciar com um exemplo bastante simples para que se firme muito bem o conceito de capital de giro.

Suponhamos uma pessoa cuja atividade seja comprar e vender diariamente, inclusive sábado e domingo, certa quantidade de mercadorias (peixes, verduras,

frutas, etc). É uma atividade que, por hipótese, não exige qualquer investimento em capital fixo. Admitamos que o veículo necessário (uma caminhoneta, por exemplo) possa ser alugado. Vamos supor, ainda, que não há geração de lucro, ou seja, que a receita das vendas diárias é apenas suficiente para cobrir os custos diários, cujos valores são os seguintes:

Custo das mercadorias	\$2.000/dia
Aluguel do veículo.....	\$ 300/dia
Combustível	\$ 200/dia
Salário do ajudante	\$ 100/dia
Salário próprio	<u>\$ 400/dia</u>
Total das despesas.....	\$3.000/dia
Valor das vendas	\$3.000/dia

Advertimos novamente que não há geração de lucro. O "salário próprio" é apenas suficiente para cobrir as necessidades médias diárias, suas e de sua família, correspondentes à alimentação, vestuário, habitação, educação, etc.

São esses, portanto, os valores envolvidos nas transações diárias.

Agora faltam as hipóteses relativas aos prazos de pagamento das despesas e de recebimento das receitas.

1ª Hipótese

O comerciante não obtém financiamento algum; quer dizer, paga tudo à vista. Já para seus clientes ele concede um prazo de 7 dias, ou seja, as vendas efetuadas na segunda-feira só são recebidas na segunda-feira seguinte; as efetuadas na terça-feira são recebidas na terça-feira seguinte; e assim por diante.

Qual é o montante de recursos necessários para o comerciante trabalhar nessas condições? Ou então: qual é o capital de giro requerido?

Para encontrar a resposta calculamos o financiamento concedido e dele deduzimos o valor do financiamento obtido.

O financiamento concedido é igual ao valor diário das vendas ponderado pelo prazo de recebimento.

Temos:

Valor diário das vendas = \$3.000

Prazo de recebimento = 7 dias

Financiamento concedido = $3.000 \times 7 \text{ dias} = \21.000

O financiamento obtido é calculado da mesma forma, ponderando-se o valor diário das despesas pelos respectivos prazos de pagamento. Como neste caso as despesas são pagas à vista, o prazo de pagamento é igual a zero e, em consequência, o financiamento obtido também é zero.

Valor das despesas diárias = \$3.000

Prazo de pagamento = 0 dia

Financiamento obtido = $\$3.000 \times 0 = \0

Conforme já foi dito, o capital de giro necessário é dado pela diferença:

financiamento concedido - financiamento obtido

Temos, então:

Capital de giro = $\$21.000 - \$0 = \$21.000$

Podemos confirmar o acerto desta solução mediante a construção de um fluxo de caixa como apresentado no quadro nº 1 (vide anexo I, pg.1).

Pode-se notar que a necessidade de recursos expressa pela linha "saldo acumulado" vai aumentando até o 7º dia, quando se estabiliza no limite de \$21.000 negativos, já que a partir desse dia o comerciante passa a receber o dinheiro correspondente às vendas realizadas na semana anterior.

2ª Hipótese

Admitamos agora que o comerciante consegue crédito para as compras das mercadorias, que passarão a ser pagas num prazo de 7 dias. As demais condições permanecem as mesmas: as outras despesas são pagas à vista e as vendas são financiadas por 7 dias.

Neste caso, o financiamento concedido continua sendo igual a \$21.000, pois

não houve modificações quanto às vendas.

Para o cálculo do financiamento obtido temos que separar as despesas em duas partes. A primeira, de \$2.000, correspondente à compra de mercadorias, deve ser ponderada por 7, que é seu prazo de pagamento. A segunda parte, correspondente às demais despesas, totalizando \$1.000, deve ser ponderada por 0 (zero), já que são despesas pagas à vista.

Assim sendo, temos:

(1)	(2)	(3)	(2) x (3)
<u>Item de Despesa</u>	<u>Valor/dia</u>	<u>Prazo de Pagamento</u>	<u>Financiamento Obtido</u>
Mercadorias	\$2.000	7 dias	\$14.000
<u>Outras</u>	<u>\$1.000</u>	<u>0 dia</u>	<u>\$ 0</u>
Totais	\$3.000	-	\$14.000

O valor do capital de giro necessário é dado pela diferença entre o financiamento concedido e o financiamento obtido.

Numericamente temos, nesta 2^a hipótese:

Financiamento concedido = \$21.000

Financiamento obtido = \$14.000

Capital de giro necessário = \$ 7.000

O mesmo resultado, encontramos com a utilização de um fluxo de caixa, conforme mostrado no quadro nº 2 (ver anexo I, pág.1). Nele percebemos que a necessidade de recursos cresce dia a dia até atingir o patamar de \$7.000, que se torna constante.

3^a- Hipótese

Suponhamos agora as seguintes condições:

- As vendas continuam sendo recebidas após 7 dias. Portanto, nada muda em relação ao financiamento concedido;

- b) Com exceção do salário próprio e do salário do ajudante, as despesas não são pagas à vista. Os prazos estabelecidos para o pagamento são os seguintes:

Mercadorias..... 2 dias

Aluguel do veículo... 4 dias

Combustível..... 3 dias

Teremos que calcular, então, o novo valor do financiamento obtido.

(1) Item de despesa	(2) Valor/dia	(3) Prazo do Pagamento	(4) = (2)x(3) Financiamento obtido
Mercadorias	\$2.000	2 dias	\$4.000
Aluguel de veículo	\$300	4 dias	\$1.200
Combustível	\$200	3 dias	\$600
Salários	\$500	0 dia	\$0
Totais	\$3.000	-	\$5.800

Nestas novas condições, o capital de giro necessário é de:

$$\$21.000 - \$5.800 = \$15.200$$

O fluxo de caixa correspondente é o do quadro nº 3 (ver anexo I, pág. 1) .

Mais uma vez observamos que o saldo acumulado, que é negativo e, portanto, expressa a necessidade de recursos (dinheiro), vai crescendo até atingir o valor de \$15.200, onde estaciona. Assim ocorre porque a partir do 8º dia o dinheiro recebido é suficiente para cobrir todos os pagamentos do dia.

4ª - Hipótese

Vejamos o que acontece ao assumirmos as seguintes condições:

- a) As despesas relativas à compra de mercadorias e ao salário próprio são pagas à vista;

- b) As demais despesas diárias são pagas sempre aos domingos, inclusive as realizadas no próprio domingo;
- c) As vendas diárias são recebidas também aos domingos, inclusive aquelas realizadas no próprio domingo.

O primeiro problema a ser resolvido é o do prazo médio de recebimento das vendas. Não se deve cair no equívoco de imaginar que o prazo de recebimento é de 7 dias.

Para cada dia de vendas o prazo é diferente. Assim, as vendas realizadas na segunda-feira têm 6 dias de prazo; as da terça-feira têm 5 dias; as da quarta-feira têm 4 dias... As realizadas no sábado têm apenas 1 dia de prazo e, finalmente, as realizadas no domingo são recebidas à vista.

Em resumo, temos:

<u>Dia da semana</u>	<u>Valor das vendas</u>	<u>Prazo concedido:</u>
Segunda	\$3.000	6 dias
Terça	\$3.000	5 dias
Quarta	\$3.000	4 dias
Quinta	\$3.000	3 dias
Sexta	\$3.000	2 dias
Sábado	\$3.000	1 dia
Domingo	\$3.000	0 dia
TOTAL	\$21.000	-

Para calcular o prazo médio, primeiro devemos ponderar o valor das vendas diárias pelos prazos respectivos. Em seguida, somamos os valores ponderados e dividimos essa soma pelo total de vendas da semana.

Assim, os resultados são:

<u>Dia da semana</u>	<u>Valor das vendas</u>	<u>Prazo Concedido</u>	<u>Valor ponderado</u>
Segunda	\$3.000	6 dias	\$18.000
Terça	\$3.000	5 dias	\$15.000
Quarta	\$3.000	4 dias	\$12.000
Quinta	\$3.000	3 dias	\$9.000
Sexta	\$3.000	2 dias	\$6.000
Sábado	\$3.000	1 dia	\$3.000
Domingo	\$3.000	0 dia	\$0
TOTAIS	\$21.000	-	\$63.000

$$\text{Prazo Médio de recebimento} = \frac{\$63.000}{\$21.000} = 3 \text{ dias}$$

As despesas diárias mencionadas no item “b” acima também são pagas no domingo. Portanto, o prazo médio de pagamento referente a essas despesas é de 3 dias.

O restante das despesas mencionadas no item “a”, são pagas à vista; portanto o prazo é 0 (zero).

Temos, por conseguinte, os dados necessários para calcular o capital de giro. Inicialmente, calculemos o financiamento concedido.

Financiamento concedido = vendas diárias x prazo médio de recebimento.

Financiamento concedido = \$3.000 x 3 dias = \$9.000.

O financiamento obtido e dado por:

(1)	(2)	(3)	(4) = (2) x (3)
<u>Item Despesas</u>	<u>Valor/dia</u>	<u>Prazo de Pagamento</u>	<u>Financiamento Obtido</u>
mercadoria	\$2.000	0 dia	\$ 0
salário próprio	\$400	0 dia	\$ 0
aluguel do veículo	\$300	3 dias	\$900
combustível	\$200	3 dias	\$600
salário ajudante	\$100	3 dias	\$300
Totais	\$3.000	-	\$1.800

O capital de giro necessário é, portanto:

financiamento concedido	= \$9.000
financiamento obtido	= <u>\$1.800</u>
Capital de giro	= \$7.200

Colocando os dados num fluxo de caixa obtemos o resultado demonstrado no quadro nº 4 (ver anexo I, pág.2)

Como se pode notar, ao contrário dos casos anteriores o déficit acumulado não se estabiliza. Ele assume valores diferentes durante os dias da semana, repetindo esses mesmos valores em ciclos semanais.

O valor de \$7.200, determinado pela diferença entre o financiamento concedido e o financiamento obtido, constitui-se num valor médio. É mera coincidência o fato de o déficit acumulado, no fluxo de caixa, assumir o mesmo valor (\$7.200) num dos dias da semana.

O importante a ser observado é que o fluxo de caixa é o único instrumento que nos dá uma idéia exata dos recursos necessários nos diferentes momentos. Os outros processos de cálculo nos levam a um valor médio dessas necessidades.

5ª- Hipótese

Talvez a suposição mais simples seja a de que tanto as vendas quanto as despesas sejam realizadas à vista. Se isso ocorrer o capital de giro necessário deverá ser igual a zero, porque tanto os valores das vendas quanto os das despesas serão ponderados pelo prazo zero.

O fluxo de caixa correspondente também seria extremamente simples, como demonstra o quadro nº 5 (ver anexo I, pág.2).

Não obstante, uma pessoa mais meticulosa poderia questionar esse resultado.

Se o capital de giro, por definição, representa o volume de dinheiro necessário para se operar um determinado negócio, e se as condições de operação são as descritas na página 2, complementadas pela suposição de que tanto as vendas quanto as despesas são realizadas à vista, então o resultado não é zero. Isto se explica pelo fato de que, obrigatoriamente, a compra das mercadorias antecede a

O fluxo de caixa correspondente evidencia melhor esta situação, como demonstra o quadro nº 6 (ver anexo I, pág. 3).

O saldo acumulado, deficitário nos primeiros dias, torna-se superavitário e aumenta até o valor de \$5.700. Como se pode notar pelo quadro, a origem desse superávit está no fato de se receber antecipadamente um valor que deve cobrir despesas a serem pagas alguns dias depois. Como esse processo é constante ao longo do tempo, o superávit se estabiliza ao nível de \$5.700.

7ª hipótese

Imaginemos agora que todas as despesas são pagas no sábado, inclusive as do próprio sábado, e todas as vendas são recebidas no domingo, inclusive as realizadas nesse dia.

Tanto o prazo médio de pagamento quanto o prazo médio de recebimento é de 3 dias, conforme vimos na 4ª hipótese.

Como as vendas diárias são iguais às despesas diárias e ambas vão ser ponderadas por prazos iguais, o valor do financiamento obtido será igual ao do financiamento concedido. A diferença entre eles evidentemente é nula e, por conseqüência, o capital de giro, nessas condições, é igual a zero.

Construamos agora o fluxo de caixa que retrata essas condições (vide quadro nº7, no anexo I, pág. 3).

Este caso confirma a advertência feita na hipótese nº4. O resultado encontrado (zero) é simplesmente a média. O fluxo de caixa nos demonstra que em todos os sábados há necessidade de se tomar um empréstimo, por um dia, no valor de \$18.000. O dinheiro que entra no domingo é suficiente para resgatar o empréstimo e ainda sobram \$3.000 até a sexta-feira. Esse comportamento é repetido em períodos semanais. Em outras palavras, em cada semana o saldo de caixa é negativo por um dia, no valor de \$18.000, e positivo nos 6 dias restantes, no valor de \$ 3.000. Em média o saldo do caixa é 0 (zero).

Essas 7 hipóteses tiveram como objetivo demonstrar que, embora os valores das receitas e das despesas permaneçam constantes, os diferentes prazos concedidos e obtidos influem decisivamente no capital de giro.

Um outro item que entra na composição do capital de giro é o estoque. No caso de empresas comerciais estão compreendidas basicamente as mercadorias,

mas no caso de empresas industriais entram as matérias primas, os materiais secundários, as embalagens, os produtos semi-acabados e os produtos acabados.

Para o dimensionamento do capital de giro, o valor dos estoques deve ser simplesmente adicionado ao total até então obtido. Assim sendo, se o comerciante do exemplo que estamos considerando achar que é conveniente manter um estoque de mercadorias suficiente para 2 dias de vendas, o acréscimo ao capital de giro será de $\$4.000 = \$2.000/\text{dia} \times 2 \text{ dias}$.

Retomando a 2ª das hipóteses e adicionando o estoque temos

Financiamento concedido	= \$ 21.000
(-) Financiamento obtido	= <u>\$14.000</u>
Subtotal	= \$ 7.000
(+) Estoques	= <u>\$ 4.000</u>
Capital de giro	= \$11.000

Para formar esse estoque há necessidade de comprar mercadorias a mais do necessário para as transações. Se isso for feito no 1º dia, serão adquiridos \$6.000 em mercadorias, sendo \$2.000 para as vendas do dia e \$4.000 para manter em estoque. O novo fluxo de caixa pode ser visto no quadro nº8 (anexo I, pág.4).

Existe ainda um último aspecto a ser considerado: trata-se do lucro gerado nas transações. De propósito viemos trabalhando até aqui na suposição de que as operações diárias efetuadas pelo comerciante não geram lucro, ou seja, o valor das vendas cobre exatamente o montante de despesas diárias.

Se admitirmos agora que existe lucro - que as mercadorias são vendidas por \$3.500, por exemplo - o que muda no capital de giro? Em termos de volume de dinheiro necessário, nada.

Voltemos à 1ª das sete hipóteses consideradas. O capital de giro necessário é de \$21.000 porque o comerciante desembolsa \$3.000 por dia e obtém receitas também de \$3.000 por dia, mas, por conceder aos seus clientes um prazo de 7 dias, é obrigado a "banciar" as despesas durante os primeiros 7 dias. A partir do 8º dia as entradas e saídas se equilibram, tornando constante o saldo negativo de \$21.000 que traduzimos como capital de giro necessário a essa atividade.

É evidente que esse dinheiro tem que vir de alguma fonte. Admitamos que o

comerciante tenha tomado esse valor por empréstimo (sem juros, para simplificar). Isto significa que o capital de giro está sendo financiado por terceiros, e não por capital próprio do comerciante.

Se adotarmos agora a hipótese de que as mercadorias são vendidas por \$3.500, com \$500 de lucro, o que vai acontecer é que o comerciante irá aos poucos pagando o empréstimo feito, ou seja, vai modificando a composição do financiamento do capital de giro, diminuindo os recursos de terceiros e aumentando o capital próprio.

Ao final de 42 dias, a partir do início do recebimento das vendas, ele terá pago completamente o empréstimo e terá apenas recursos próprios financiando seu capital de giro.

Note-se, mais uma vez, que a existência do lucro não diminui o capital de giro; apenas torna possível financiá-lo com recursos próprios.

IV - Financiamento do Capital de Giro

Como deve ter ficado claro na seção anterior, o capital de giro, definido como o montante de recursos (dinheiro) necessário para o funcionamento de uma empresa, depende basicamente dos estoques, dos valores das despesas e dos prazos de pagamento e de recebimento.

Nesta maneira de abordar o capital de giro já se leva em conta os créditos recebidos de fornecedores, operários, governo, etc, resultantes das condições normais de relacionamento da empresa com tais agentes.

Uma vez dimensionado o capital de giro, cabe discutir seu financiamento. Poderá ser coberto com recursos próprios da empresa ou com recursos tomados por empréstimo, normalmente junto a bancos comerciais.

Anexo I - página 1

QUADRO Nº 1

	<u>Seg</u>	<u>Ter</u>	<u>Qua</u>	<u>Qui</u>	<u>Sex</u>	<u>Sab</u>	<u>Dom</u>	<u>Seg</u>	<u>Ter</u>	<u>Qua</u>	<u>Qui</u>
Entradas								3.000	3.000	3.000	3.000
Saídas	3.000	3.000	3.000	3.000	3.000	3.000	3.000	3.000	3.000	3.000	3.000
Saldo do dia	(3.000)	(3.000)	(3.000)	(3.000)	(3.000)	(3.000)	(3.000)	0	0	0	0
Saldo Acumulado	(3.000)	(6.000)	(9.000)	(12.000)	(15.000)	(18.000)	(21.000)	(21.000)	(21.000)	(21.000)	(21.000)

QUADRO Nº2

	<u>Seg</u>	<u>Ter</u>	<u>Qua</u>	<u>Qui</u>	<u>Sex</u>	<u>Sab</u>	<u>Dom</u>	<u>Seg</u>	<u>Ter</u>	<u>Qua</u>	<u>Qui</u>
Entradas								3.000	3.000	3.000	3.000
Saídas:								2.000	2.000	2.000	2.000
Mercadorias								1.000	1.000	1.000	1.000
Outras	1.000	1.000	1.000	1.000	1.000	1.000	1.000	1.000	1.000	1.000	1.000
Saldo do dia	(1.000)	(1.000)	(1.000)	(1.000)	(1.000)	(1.000)	(1.000)	0	0	0	0
Saldo Acumulado	(1.000)	(2.000)	(3.000)	(4.000)	(5.000)	(6.000)	(7.000)	(7.000)	(7.000)	(7.000)	(7.000)

QUADRO Nº3

	<u>Seg</u>	<u>Ter</u>	<u>Qua</u>	<u>Qui</u>	<u>Sex</u>	<u>Sab</u>	<u>Dom</u>	<u>Seg</u>	<u>Ter</u>	<u>Qua</u>	<u>Qui</u>
Entradas								3.000	3.000	3.000	3.000
Saídas:								2.000	2.000	2.000	2.000
Mercadorias			2.000	2.000	2.000	2.000	2.000	2.000	2.000	2.000	2.000
Aluguel					300	300	300	300	300	300	300
Gasolina				200	200	200	200	200	200	200	200
Salários	500	500	500	500	500	500	500	500	500	500	500
Saldo do dia	(500)	(500)	(2.500)	(2.700)	(3.000)	(3.000)	(3.000)	0	0	0	0
Saldo Acumulado	(500)	(1.000)	(3.500)	(6.200)	(9.200)	(12.200)	(15.200)	(15.200)	(15.200)	(15.200)	(15.200)

Anexo I - página 2

QUADRO Nº4

	<u>Seg</u>	<u>Ter</u>	<u>Qua</u>	<u>Qui</u>	<u>Sex</u>	<u>Sab</u>	<u>Dom</u>	<u>Seg</u>	<u>Ter</u>	<u>Qua</u>	<u>Qui</u>
Entradas:							21.000				
Saídas:											
Mercadorias	2.000	2.000	2.000	2.000	2000	2.000	2.000	2.000	2.000	2.000	2.000
Aluguel							2.100				
Gasolina							1.400				
Salário Ajudante							700				
Salário Próprio	400	400	400	400	400	400	400	400	400	400	400
Saldo do dia	(2.400)	(2.400)	(2.400)	(2.400)	(2.400)	(2.400)	14.400	(2.400)	(2.400)	(2.400)	(2.400)
Saldo Acumulado	(2.400)	(4.800)	(7.200)	(9.600)	(12.000)	(14.400)	0	(2.400)	(4.800)	(7.200)	(9.600)

QUADRO Nº5

	<u>Seg</u>	<u>Ter</u>	<u>Qua</u>	<u>Qui</u>	<u>Sex</u>	<u>Sab</u>	<u>Dom</u>	<u>Seg</u>	<u>Ter</u>	<u>Qua</u>	<u>Qui</u>
Entradas	3.000	3.000	3.000	3.000	3.000	3.000	3.000	3.000	3.000	3.000	3.000
Saídas	3.000	3.000	3.000	3.000	3.000	3.000	3.000	3.000	3.000	3.000	3.000
Saldo do dia	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Saldo Acumulado	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Anexo I - página 3

QUADRO Nº6

	<u>Seg</u>	<u>Ter</u>	<u>Qua</u>	<u>Qui</u>	<u>Sex</u>	<u>Sab</u>	<u>Dom</u>	<u>Seg</u>	<u>Ter</u>	<u>Qua</u>	<u>Qui</u>
Entradas				3000	3000	3000	3000	3000	3000	3000	3000
Saídas								2100	2100	2100	2100
	900	900	900	900	900	900	900	900	900	900	900
Saldo	900	900	900	2100	2100	2100	2100	0	0	0	0
Saldo Acumulado	900	1800	2700	600	1500	3600	5700	5700	5700	5700	5700

QUADRO Nº7

	<u>Seg</u>	<u>Ter</u>	<u>Qua</u>	<u>Qui</u>	<u>Sex</u>	<u>Sab</u>	<u>Dom</u>	<u>Seg</u>	<u>Ter</u>	<u>Qua</u>	<u>Qui</u>	<u>Sex</u>	<u>Sab</u>	<u>Dom</u>	<u>Seg</u>
Entradas							21000							21000	
Saídas						18000							21000		
Saldo	0	0	0	0	0	18000	21000	0	0	0	0	0	21000	21000	0
Saldo Acumulado	0	0	0	0	0	18000	3000	3000	3000	3000	3000	3000	18000	3000	3000

Anexo 1 - página 4

QUADRO Nº8

	<u>Seg</u>	<u>Ter</u>	<u>Qua</u>	<u>Qui</u>	<u>Sex</u>	<u>Sab</u>	<u>Dom</u>	<u>Seg</u>	<u>Ter</u>	<u>Qua</u>	<u>Qui</u>
Entradas								3000	3000	3000	3000
Saídas: Mercadorias								6000	2000	2000	2000
Outras	1000	1000	1000	1000	1000	1000	1000	1000	1000	1000	1000
Saldo	1000	1000	1000	1000	1000	1000	1000	4000	0	0	0
Saldo Acumulado	1000	2000	3000	4000	5000	6000	7000	11000	11000	11000	11000